ESTADO DE SANTA CATARINA

POLÍCIA MILITAR

COMANDO DO CORPO DE BOMBEIROS

BOLETIM INTERNO Nº 045/2001

INSERIDO NO SIRH
CÓDIGO: .....
DATA: 26 / 11 / 01
POR: .....

POLÍCIA MILITAR
COMANDO DO CORPO DE BOMBEIROS
BOLETIM INTERNO Nº 045/2001

Quartel em Florianópolis, 12 de novembro de 2001

(SEGUNDA - FEIRA)

Publico para conhecimento das Unidades do Corpo de Bombeiros e devida execução o seguinte:

1ª PARTE - SERVIÇOS DIÁRIOS

GUARDA DO CCB:

Dia 13/11	(terça-feira)	SD RAMOS
Dia 14/11	(quarta-feira)	CB COELHO
Dia 15/11	(quinta-feira)	SD VIGANO
Dia 16/11	(sexta-feira)	SD JOSÉ CARLOS
Dia 17/11	(sábado)	CB COELHO
Dia 18/11	(domingo)	SD VIGANO
Dia 19/11	(segunda)	SD RAMOS

2º PARTE - INSTRUÇÃO

CURSO DE FORMAÇÃO DE BOMBEIROS COMUNITÁRIOS DE ITUPORANGA-SC

Aprovo o Plano de Ensino do Curso em epígrafe, a ser realizado no período de 28 Jul 01 à 10 Dez 01, na Sede do Grupo BM de Ituporanga.

Número de vagas: 40 (quarenta);

Data da formatura: 15 Dez 01

Direção do Curso: 2ºSgt PM Mat.913230-9 MOACIR **CORDEIRO**

3ª PARTE - ASSUNTOS GERAIS E ADMINISTRATIVOS

ALTERAÇÃO DE OFICIAIS

MOVIMENTAÇÃO

Por determinação do Sr Cel PM Cmt Geral, transfiro **com ônus** para o Estado e 15 (quinze) dias de trânsito, da 3ª/1ºBBM (Criciúma) para o DRH (Florianópolis), a contar de 05.11.2001, o Cap PM Mat.910814-9 RUBENS VOLPATO PHILIPPI, conforme nota nº309/DRH-2/2001.

Por determinação do Sr Cel PM Cmt Geral, transfiro **sem ônus** para o Estado, do 9ºBPM (Criciúma) para 3ª/1ºBBM (Criciúma), a contar de 05.11.2001, o Cap PM Mat.911957-4 JOÃO CARLOS LEÃO CORREIA, conforme nota nº 310/DRH-2/2001.

LICENÇA PATERNIDADE

1702

Concedo 05 (cinco) dias de dispensa do expediente, a contar do dia 11 de novembro de 2001, ao Cap PM Mat 908692-7 JOSÉ **MAURO** DA COSTA, Ch do BM-2/CCB, por ter nascido sua filha.

ALTERAÇÃO DE SUB TENENTES E SARGENTOS

DESTINO

3785

Do 3º Sgt PM Mat.920394-0 **HÉLIO** A.DA SILVEIRA, do CCB (Fpolis) para a 2ª/1ºBBM (Fpolis), a contar do dia 12 de novembro do corrente ano, afim de participar do treinamento para Operação Veraneio 2001/2002.

DISPENSA DO EXPEDIENTE

1712

Concedo o dia 12 do corrente, ao 3º Sgt PM Mat 920384-2 CARLOS **CRISTIANO** DE OLIVEIRA, Aux. do BM-1/CCB, por ter doado sangue voluntariamente no HU.

FÉRIAS – ADIANTAMENTO DE GOZO

Concedo 15 (quinze) dias, para desconto em férias, a contar do dia 09 de novembro de 2001, ao Sub Ten PM Mat 909962-0 JOSÉ FRANCISCO **DA SILVA** do BM-4/CCB, a fim de tratar de assuntos particulares.

ALTERAÇÃO DE CABOS E SOLDADOS

DESTINO

Do Sd PM Mat.916421-9 LUIZ HENRIQUE **ELLER**, do CCB (Fpolis) para a 2ª/1ºBBM (Fpolis), a contar do dia 12 de novembro do corrente ano, afim de participar do treinamento para Operação Veraneio 2001/2002.

FÉRIAS – ADIANTAMENTO DE GOZO

Concedo 01 (um) dia, para desconto em férias, a contar do dia 09 de novembro de 2001, ao Sd PM Mat 921538-7 FRANCISCO ALEXANDRE DE A. **EIBS** do BM-1/CCB, a fim de tratar de assuntos particulares.

DISCURSO DO CEL EDMUNDO - 75 ANOS CBPMSC

CORPO DE BOMBEIROS DA POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA 75 ANOS

Edmundo José de Bastos Júnior
Coronel da Reserva não Remunerada da PMSC
Ex-Juiz Auditor da Justiça Militar de SC

Ao nos distinguir com o convite para falar nesta Sessão Solene em homenagem aos 75 anos de criação do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar deste Estado, o Professor Carlos Humberto Corrêa, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, nos concede grande honra e nos oferece uma grata oportunidade.

Honra, por delegar-nos a palavra que teria seguramente intérpretes muito mais qualificados entre tantos e tão expressivos representantes da cultura catarinense, que, reunidos neste sodalício, trabalham pelo resgate e preservação da rica história barriga-verde; oportunidade de, mais uma vez, demonstrar publicamente nosso apreço e admiração pela Polícia Militar do Estado, a cuja Reserva Remunerada nos orgulhamos de pertencer, e na qual vivemos os melhores anos da nossa vida, temos nossos melhores amigos e da qual guardamos as mais caras lembranças. Lembranças que incluem, a propósito, como 1° tenente, uma curta e obscura passagem pelo comando do próprio Corpo de Bombeiros, em caráter interino, entre abril e junho de 1957.

Nosso Corpo de Bombeiros que, diversamente da pequena e mal equipada unidade daquele tempo, é hoje uma corporação moderna, com padrões de eficiência que a colocam entre as melhores de sua congêneres do país.

Longa e difícil trajetória foi percorrida até chegar a estes setenta e cinco anos de história. História que vamos procurar reviver, lembrando o problema dos incêndios no velho Desterro e na Florianópolis do início do século XX, os esforços para a criação e consolidação de uma seção de combate ao fogo na corporação policial e as pessoas que a tornaram realidade.

Senhoras e senhores !

As Posturas da antiga capital da Província, de 1833, determinavam que " acontecendo haver incêndio em qualquer casa, a primeira pessoa a observar mandará tocar o sino policial ou outro de qualquer Igreja, a cujo toque se reunirá o Povo mais vizinho para acudir e atalhar". Quem primeiro tocasse o sino receberia quatro mil réis, que seriam pagos pelo interessado no socorro, ou, sendo ele pobre, pela Câmara. Quem não franqueasse seu poço à requisição do Fiscal seria multado.

Um incêndio, no Desterro - quem conta é mestre Osvaldo Cabral -, era um espetáculo que ninguém queria perder .

Quando tocava o sino a rebate, o povo acorria ao local do fogo, uns poucos para ajudar, a maioria só para ver e ter assunto para comentar pela noite afora. Chamas crepitando, gritos, correria, muitos mandando e ninguém obedecendo, alguns abnegados ajudando a salvar o que podiam, outros aproveitando para surrupiar alguma coisa. As mais altas autoridades compareciam, até mesmo o Presidente da Província. As bombas do Batalhão do Depósito e da Capitania, há longo tempo sem uso, geralmente não funcionavam, de sorte que o fogo era mesmo combatido a baldes de água. No final, restavam para o infeliz proprietário alguns móveis e utensílios trazidos para a rua nos primeiros momentos.

Em 5 de maio de 1835, durante a profícua gestão do Presidente Feliciano Nunes Pires, ganhou a Província de Santa Catarina sua Força Policial, atual Polícia Militar, criada pela Lei n° 12. Quase um ano depois, a 2 de maio de 1836, teve a nova corporação o seu primeiro regulamento, aprovado pela Lei n° 31. Competia a seus componentes, individualmente ou em patrulha, além de outras atribuições características de sua missão policial, "acudir aos incêndios, dando parte deles ao comandante, ou guardas e patrulhas que primeiro encontrassem".

Além do eventual primeiro brado de alerta, entretanto, pouco se podia esperar dos antigos milicianos além da participação no desorganizado combate aos incêndios, felizmente raros, e que, em linhas gerais, repetiam o quadro anteriormente descrito. Exceção mesmo, no sentido de que não se circunscreveu apenas à perda patrimonial do desafortunado proprietário do imóvel, foi o que se iniciou com a explosão do antigo prédio da Alfândega, no local em que, há algumas décadas, erguia-se o belo edifício no qual funcionava o Hotel Laporta, e que, depois de abrigar por vários anos a sede regional da Caixa Econômica Federal, foi impolido, deixando o espaço que é hoje utilizado como estacionamento. O estrondo, na manhã de 24 de abril de 1866, chegou a ser ouvido nos bairros mais distantes, inclusive no Mato Grosso, como era conhecida a região onde hoje se localiza o Quartel General da PM. Destroços do prédio espalharam-se em todas as direções, causando danos em outros edifícios. O fogo, que destruiu o que restou da explosão, só foi extinto com o emprego das bombas de dois navios ancorados no porto. Houve dez mortes e outras quinze pessoas ficaram feridas.

O Regulamento para o Corpo de Polícia, instituído por Ato de 22 de junho de 1874, do Presidente João Tomé da Silva, determinava, em seu art. 154, que deveria existir, a cargo da corporação, uma bomba de apagar incêndios, que seria manejada por suas praças, quando se desse oportunidade de seu emprego.

Não há registro da existência da tal bomba. Se de fato a houve, não é provável, pelo seu pouco uso, que tivesse tido eficiência maior do que as do Batalhão do

Depósito e da Capitania, que, pela mesma razão, costumavam falhar quando mais se necessitava delas.

Mas a cidade foi crescendo. O progresso chegava com o novo século. Prédios novos iam sendo construídos, maiores e mais próximos, servindo não apenas para residência dos mais abastados, mas para hotéis, empresas e estabelecimentos comerciais.

Os incêndios, antes raros, tornaram-se mais freqüentes e mais destruidores, terríveis mesmo. O povo tinha assunto para vários dias. A imprensa descrevia os sinistros com riqueza de detalhes, e os editoriais, refletindo o tema predominante nas conversas, faziam sugestões e apelos ao Governo no sentido de que fosse criada uma unidade de bombeiros. Entretanto, desaparecido o cheiro da fumaça, removidos os escombros, levadas pelo vento as últimas cinzas, o assunto era esquecido até que um novo sinistro o revivesse.

A pressão, de qualquer forma, acabou tendo conseqüência: a Lei n° 1.137, de 30 de setembro de 1916, que fixava o efetivo da força policial para o ano seguinte, autorizou, em seu art. 7°, o governador do Estado a criar, na Força Pública (como, a partir daquele ano, passaria a denominar-se o então Regimento de Segurança) uma Seção de Bombeiros.

A autorização, entretanto, ficou no papel. Tratando-se de lei de fixação de efetivo, com vigência limitada ao ano a que se referia, perdeu a validade, porque não renovada na legislação similar dos anos imediatamente subseqüentes.

Por incrível que pareça, havia quem considerasse os incêndios como fator de progresso, uma vez que o dinheiro dos seguros propiciava a substituição dos prédios antigos por outros de estilo mais moderno. Seria, decerto, a opinião de quem podia bancar os custos dos seguros e deles vir a beneficiar-se, acidentalmente ou não...

Mas os incêndios continuavam, cada vez mais devastadores. Os jornais da época noticiaram, como sempre com minúcias, a destruição de uma importante loja de artigos para homens, roupas e armarinhos, denominada " Ao Chic Americano", à Rua da República, hoje Felipe Schmidt; da Casa Funerária de José da Costa Ortiga, à Rua Tiradentes; da Livraria Moderna, de Paschoal Simone & Filhos, à Praça 15 de Novembro; dos prédios em que estavam instalados o Hotel Moura, de Moura & Cia., a Farmácia Popular, de José Cristóvão de Oliveira, a loja " Au bon marché", de Jacob Schweidson, e parte da casa comercial conhecida pelo povo como " A Porta Larga", de Caralambos & Cominos, à Praça 15 de Novembro.

Na Semana Santa de 1919, exatamente quando a solene Procissão do Enterro passava pela Rua Trajano, irrompeu talvez o mais terrível daqueles sinistros, que destruiu o Hotel Majestic, situado na esquina daquela rua com a Conselheiro Mafra, a Casa Áurea e vários outros estabelecimentos comerciais instalados em prédios vizinhos. Novos e mais veementes apelos para a criação de uma unidade de combate a incêndios resultaram na Lei n° 1.288, de 16 de setembro de 1919, que autorizava o Poder Executivo a criar uma seção de corpo de bombeiros anexa à Força Pública, fixando-lhe o efetivo - que deveria ser retirado dos próprios quadros da corporação - e autorizando também a abertura de crédito para atender às despesas com pessoal e material.

A nova lei, para variar - ou para não variar - caiu no esquecimento. E assim permaneceu pelos anos seguintes.

Entrementes, ao alarme de incêndio seguia-se o toque de "REUNIR " nos quartéis do Exército e da Força Pública. Patrulhas das duas corporações acorriam ao

local do sinistro, empregando-se, com escassos recursos, nenhuma técnica, mas muito denodo, no combate às chamas, contando, sempre, com a ajuda de populares desprendidos e não menos valorosos. Atos de verdadeiro heroísmo, com risco da própria vida, eram comuns, tanto por parte de militares como de civis. As mais das vezes, esses atos ficavam sem registro. Alguns, quando se tratava de militares, eram recompensados com elogios em boletim de suas corporações. Outros mais eram destacados pela imprensa, sempre presente com sua detalhada cobertura. Vamos lembrar um deles, para homenagear, na pessoa do seu autor, um modesto soldado corneteiro da Força Pública, tantos outros, que, no calor dos acontecimentos possam ter passado despercebidos até mesmos aos próprios beneficiários

Pelas 23 horas de 23 de agosto de 1925, o repicar insistente dos sinos da Catedral e os toques de corneta nos quartéis do Exército e da Força Pública puseram em sobressalto a população, interrompendo animadas *soirées* que se realizavam nos clubes Doze de Agosto e 15 de Outubro. O povo logo acorreu à Rua Padre Miguelinho, onde o fogo envolvia um prédio em cujo andar superior residia a família do dentista Achiles Wedekin dos Santos, que tinha seu consultório no pavimento térreo. À certa altura, o dentista tentou voltar ao interior do prédio para resgatar um seu filho, de dois anos, mas foi barrado pelas chamas.

"Nesse momento" - narra o jornal "O Estado", do dia seguinte -"o corneteiro do 1° Batalhão da Força Pública de nome Orlando Antônio Feijó, desprezando todo o perigo, meteu-se pela casa adentro, subindo com grande e temerosa (sic) dificuldade a escada, segurando-se no corrimão. No segundo andar , tomou nos braços a criancinha, que gritava espavorida. 0 fogo crescia, vertiginoso, soltando labaredas pelas janelas do segundo andar .

"0 corneteiro Orlando procurava um lugar para sair com o pequenino e não achava por onde.

"Tomou, então, uma resolução audaciosa, saltando pela janela dos fundos ao telhado do prédio próximo. Aí, desceu a criança com o auxílio de uma corda, saltando ele em seguida.

"0 destemido e abnegado praça, merecedor dos mais calorosos elogios pelo ato de verdadeira bravura que praticou e que reflete sobre a corporação a que pertence, saiu queimado no lado direito, apresentando outros leves ferimentos " .

O ato do corneteiro Orlando não foi registrado nos anais da Força Pública.

Mas outro incêndio, de proporções catastróficas, aconteceu no da 16 de maio de 1926. O fogo, iniciado na Casa Daura, atingiu cerca de meio quarteirão, destruindo mais nove estabelecimentos comerciais e provocando danos em vários outros. Dois dias depois, outras firmas da Capital sofreram graves prejuízos em decorrência de novo incêndio.

Os protestos e apelos, então, recrudesceram, e, dessa vez, encontraram a pessoa certa: no comando da Força Pública estava o coronel Pedro Lopes Vieira, cuja gestão, iniciada a 25 de julho do ano anterior, constituiu um período áureo para a corporação. Excelente administrador, realizou reformas, introduziu melhoramentos e criou serviços; grande condutor de homens, impôs disciplina e manteve sua tropa em estado de eficiência várias vezes posta à prova em operações contra movimentos sediciosos comuns na época. De tal forma marcou a história da milícia catarinense que, nas décadas seguintes, seu comando era referido, na caserna e fora dela, como "o tempo do coronel Lopes", expressão que introduzia comentários invariavelmente elogiosos.

Fiel a seu estilo, Lopes Vieira, como se costumava dizer, "tomou o pião na unha", e resolveu tornar realidade a criação de uma seção de bombeiros na força policial. Dispunha apenas do pessoal, sem nenhum treinamento adequado, e, como de hábito, não havia verba orçamentária para aquisição do material e equipamento necessários. Contou, então, com o decisivo apoio do governador Adolfo Konder, que se incumbiu de contratar, no Rio de Janeiro, para onde viajaria dentro em pouco, instrutores do Corpo de Bombeiros do então Distrito Federal.

Em perfeita sintonia com o projeto de Lopes Vieira, o presidente do Congresso Representativo, Antônio Vicente Bulcão Viana, que substituía o governador Adolfo Konder, reuniu, a 16 de julho, no Palácio do Governo, os representantes das companhias de seguros, deles solicitando empenho junto à direção de suas empresas, buscando-lhes a colaboração para a compra dos equipamentos.

Decorridas mais de duas semanas sem qualquer manifestação por parte das seguradoras, foi marcada, para o dia 3 de agosto, uma nova reunião, para a qual foram convidados os principais representantes do setor mais diretamente interessado na solução do problema, o comércio. Dentre os presentes, foi escolhida uma comissão formada por Max Hoepcke, presidente, Eduardo Horn, secretário, e mais José Daux, Paschoal Simone e Lauro Linhares, à qual caberia promover as ações destinadas à obtenção de fundos para aquisição do material necessário à nova instituição.

Já no dia seguinte, a comissão reuniu-se, no escritório da firma Hoepcke & Cia., para estabelecer o seu plano de ação e iniciar os trabalhos. Como prova de sua eficiência, e, mais que tudo, do desejo da comunidade de contar, no menor prazo possível, com um serviço tão essencial a sua tranqüilidade e segurança, já no dia 18 do mesmo mês de agosto entregava a Bulcão Viana, em Palácio, juntamente com a relação dos contribuintes, um cheque no apreciável valor de 12:170$000, resultado da campanha.

Enquanto isto, o coronel Lopes Vieira promovia a seleção dos elementos que iriam integrar a nova unidade e mandava adaptar um caminhão Ford para servir ao transporte de pessoal e material.

Para a organização da Seção e treinamento dos seus componentes, foram contratados o 2° tenente Domingos Maisonette, instrutor, e os sargentos Antônio Rodrigues de Farias, auxiliar, e Pedro Ribeiro dos Santos, maquinista, todos do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. O primeiro a chegar foi o 2° sargento Antônio Rodrigues de Farias, que logo iniciou o trabalho de coleta de dados sobre a rede hidráulica, capacidade das caixas e número de hidrantes existentes.

O boletim do Comando Geral de 15 de setembro publicou a apresentação do 2° tenente Domingos Maisonette. Na mesma data, passaram a fazer parte da seção os elementos selecionados. Na ocasião em que comemoramos os setenta e cinco anos de criação do atual Corpo de Bombeiros, cremos justo e oportuno lembrarmos os nomes dos que iniciaram esta longa e grandiosa jornada. Foram eles: 2° tenente Waldemiro Ferraz de Jesus, 1° sargento Júlio João de Melo, 2° Sargento João Luciano Nunes, 3° Sargento Audérico Silvério dos Santos, Cabos de Esquadra Francisco Pereira de Alcântara, Eliseu Brasil e Bento Quirino Cavalheiro, Soldados Antônio Maestri, Geraldo Paumert, Pedro Lucas Dias, João Joaquim dos Santos, Ricardo Pereira de Castilhos, José Ismael Vieira, Manoel Gonçalves de Mello, José Almeida de Oliveira, Antônio dos Santos Carvalho, Américo Pereira da Silva, Domingos Pereira de Castilhos, Martinho Diogo Mafra, Higino Godinho de Oliveira, Secundino da Costa Lemos, Antenor Quadros, José Pereira de Arcanjo, Adolfo Xavier

de Freitas, Francisco Adriano Rodrigues e soldados corneteiros João Luís da Rosa e Silva e João Onofre da Cunha.

Seguiu-se um período de intenso treinamento e, a 26 do mesmo mês de setembro, foi instalada oficialmente a Seção de Bombeiros da Força Pública, com a presença do Governador em exercício, Antônio Vicente Bulcão Viana, das mais altas autoridades do estado, oficialidade da Força Pública, representantes da imprensa e muitas outras pessoas.

A Seção, instalada provisoriamente nos fundos do prédio onde funcionava a Inspetoria de Saneamento, à Rua Tenente Silveira, dispunha de duas bombas a vapor - com capacidade de 350 e 250 galões por minuto, respectivamente - duas bombas manuais (uma cisterna), seis seções de escadas de assalto, uma de gancho para assalto em sacadas, dois aparelhos de hidrantes de incêndio e ferramentas de sapa.

Um aparelho de registro, um esguicho em bom estado e quatro mangueiras inutilizadas, das quais só um par de juntas pôde ser aproveitado, existentes na Chefatura de Polícia, foram reparadas nas oficinas da Força, onde também, sob a orientação do tenente Maisonette, foram confeccionados quarenta cintos ginásticos, cordas com molas para prontidão, aparelhos para prender mangueiras, baldes de lona e capas para machadinhas.

Ainda não havia mangueiras e outros acessórios em quantidade suficiente, mas esse material estava por chegar , e mais seria adquirido ainda naquele ano.

O "batismo de fogo" da nova Seção aconteceu no dia 2 de outubro seguinte. Assim o registrou o tenente Domingos Maisonette em "parte de incêndio" dirigida ao Comandante Geral da Força Pública, registrada à página 3 do livro respectivo "(...) Tenho a honra de comunicar-vos que, tendo sido feito anteontem o desligamento do pessoal para a organização da Seção de Bombeiros, escalamos ontem pela primeira vez nesta cidade o serviço de prontidão de incêndio. Dispondo de escassos elementos de pessoal e material, só pudemos instituir a prontidão de 11 homens que seriam transportados no auto-caminhão Ford que nos dignastes ceder para o desempenho da nossa missão. Quis a fatalidade que a ala que pela primeira vez fazia o serviço não terminasse a prontidão sem ser batizada com um rebate para incêndio, pois que, às 10 h e 55, um menor foi à Seção e participou que havia incêndio à Rua Tenente Silveira nº 6, residência do senhor Achilles Santos. Atendido prontamente o chamado, foi o fogo extinto com o auxílio da bomba manual cisterna armada no jardim da própria casa e estendida a mangueira para o telhado, onde o excesso de fuligem havia-se incendiado numa chaminé de ferro e começava a propagar-se ao forro". O atendimento teve um pequeno percalço, também registrado na "parte". É que o caminhão Ford, ao deixar a sede provisória, avariou o portão, e sua alavanca de marcha a ré não mais funcionou.

O Decreto nº 1.996, de 20 de outubro de 1926, aprovou o Regulamento para a Seção de Bombeiros.

O primeiro melhoramento importante da Seção de Bombeiros foi a autorização para compra, a 11 de novembro, junto à firma Hoepcke & Cia., de um trator Fordson, de 22 HP , cujo pagamento seria efetuado em prestações a partir do mês de janeiro do ano seguinte. Com isso, as bombas, originalmente de tração animal, foram adaptadas para tração mecânica, sendo-lhes substituídas as lanças por uma haste de ferro.

Os bombeiros mudaram-se para o Quartel Geral a 27 daquele mesmo mês de novembro, ocupando as instalações que haviam servido à Cadeia Pública. Passaria, mais tarde, a seu próprio quartel, construído também por Lopes Vieira, e que ainda

hoje se vê à Praça Getúlio Vargas, por isso às vezes referida como Praça dos Bombeiro.

A Seção teve seu primeiro grande teste em um incêndio ocorrido a 2 de março de 1927, no prédio n° 3 da Rua Trajano, no qual funcionavam duas casas de comércio. O combate às chamas, iniciado à noite, prolongou-se até as oito horas da manhã seguinte. Segundo os registros da corporação, os bombeiros se portaram brilhantemente e vários deles mereceram elogios do comandante Lopes Vieira, inclusive alguns que, mesmo de folga, atenderam ao alarme e prestaram seu concurso na extinção do fogo.

Domingos Maisonette, já 1° tenente, permaneceu em Florianópolis até 1° de abril de 1927, não apenas instruindo e supervisionando as operações da Seção, como também colaborando para o seu equipamento, com a confecção de aparelhos, aproveitamento e restauração de materiais. Conseguiu, junto ao comandante de seu próprio Corpo de Bombeiros, a doação de duzentos e quarenta metros de mangueiras de ótima qualidade. Em Boletim daquela data, o Comandante Geral agradeceu-lhe os serviços e o elogiou pela forma com que se conduziu no desempenho de sua missão, destacando-lhe a competência técnica, dedicação e amor ao trabalho .

Na mesma ocasião foram desligados da Seção os sargentos Pedro Ribeiro dos Santos e Antônio Rodrigues de Farias, que receberam também os elogios e agradecimentos do Comando da Força Pública.

O Tenente Maisonette voltou a sua corporação. Desempenhou várias outras comissões, entre as quais a fundação do Corpo de Bombeiros de Vitória, Espírito Santo. Após trinta e cinco anos de serviço, reformou-se no posto de major.

A Seção de Bombeiros já entrara, então, na rotina de suas atividades.

Os primeiros elementos da Seção feridos em serviço não o foram diretamente no combate ao fogo, mas em acidente - o primeiro - envolvendo viatura dos bombeiros. O fato ocorreu no dia 29 de abril de 1928, pelas 22 horas, quando alarme de incêndio em um prédio da Rua João Pinto fizera correr para o local indicado a guarnição de serviço, com o carro de material. O veículo desceu em *marcha acelerada* a Rua Visconde de Ouro Preto, e, ao atingir a esquina da Rua Fernando Machado, foi abalroado pelo *auto* n° 325, dirigido pelo motorista João Dionísio Pedra, tombando próximo à calçada da Delegacia Fiscal.

Os soldados José Luiz do Nascimento, com fratura dupla no braço esquerdo, José Ismael Vieira, em estado de choque, e Moacir Aniceto Laundes, *chauffeur,* baixaram à Enfermaria Regimental.

As investigações concluíram que, "... não obstante o auto descer *fonfonando,* fora impossível ao *chauffeur* evitar o acidente".

Felizmente o fogo era de pequenas proporções, e foi extinto a baldes de água por pessoas da vizinhança.

Em 19 de julho de 1928, deixou seu cargo o primeiro comandante da Seção, tenente Waldemiro Ferraz de Jesus, substituído pelo 2° tenente Frederico Ewald. Natural de Curitiba, Paraná, o tenente Waldemiro ingressara na Força Pública catarinense em 22 de abril de 1922, como terceiro sargento, graduação em que servira no Exército Nacional. Tomou parte na campanha contra os revolucionários paulistas de 1924/25, integrando o batalhão da Força Pública que, comandado por Lopes Vieira, combateu em território paranaense. Durante a campanha, foi comissionado no posto de 2° tenente, no qual foi efetivado ao final da operações. Depois de deixar a Seção de Bombeiros, além de funções na caserna, foi delegado de

polícia em vários municípios do Estado. Exerceu, mais uma vez, o comando da Seção de Bombeiros, no período de 5 de julho de 1929 a 23 de março de 1931. Serviu à Força Pública até julho de 1932, quando se reformou, com a contagem de seu tempo de serviço anterior no Exército. Faleceu na cidade de Mafra, em 18 de julho de 1944. O atual 1º Batalhão de Bombeiro Militar, sediado nesta Capital, leva seu nome.

A Seção de Bombeiros continuou a prestar seus serviços, combatendo com eficiência desde fogos de fuligem em chaminés, incêndios de médio e grande porte e atuando em inundações resultantes de temporais. Seu desempenho era objeto de referências elogiosas, tanto pela competência como pelo empenho dos seus componentes. Mas, a pouco e pouco, à medida que a cidade crescia, foi ficando claro que, mais do que contra os sinistros, lutava para vencer as próprias deficiências em pessoal e material.

Em 1932, recebia um caminhão, logo apelidado pelos soldados de "Leão da Montanha", sobra do movimento revolucionário daquele ano. Pouco depois, outro carro, da mesma procedência, era entregue à unidade.

No ano seguinte, sendo Comandante Geral o coronel Rizoleto Barata de Azevedo, foi efetuada a compra de uma bomba-motor "Magirus", um aparelho distribuidor de três bocas, três aparelhos de segurança e dois esguichos. As velhas bombas a vapor foram, assim, aposentadas. Posteriormente, foram adquiridos 305 metros de mangueira, 40 quilos de cordas diversas e três mangotes. Mas esse material, pelo uso contínuo, se foi desgastando

Domingos Maisonette, que sempre se mantivera informado sobre as atividades da corporação que ajudara a criar , manifestou ao amigo subtenente José Cordeiro, em carta de 19 de abril de 1942, sua preocupação com a falta de material e pessoal, e pela manutenção, após quinze anos, do efetivo inicial, ao tempo em que a cidade prosperava.

O mesmo subtenente José Cordeiro, que, por cerca de trinta anos, serviu ao Corpo de Bombeiros com competência e dedicação exemplares, em passagem de discurso proferido na comemoração dos vinte e quatro anos da corporação, assim relatou as dificuldades dos primeiros tempos da unidade: " O material que recebemos, naquela época, seria irrisório, se hoje o descrevêssemos. Um bomba tocada com máquina a vapor e um trator vagaroso, arrastando tudo ao incêndio. Durante a operação, cabia a min cuidar da máquina e dirigir o combate ao fogo. Eram cinco minutos no incêndio e cinco na máquina, pois esta, com muito pouco descuido, já a caldeira estava ameaçada de explosão". Em outro trecho, refere-se, com sentimento, à dureza da jornada, e às fases de abandono porque passaram os bombeiros, por vezes até mesmo alvo de injustas e impiedosas vaias do populacho, quando a falha de um carro ou de uma bomba prejudicava o seu heróico esforço de debelar o fogo. Algumas vezes, a insuficiência da rede de abastecimento público levava à extensão de longas linhas de mangueira para utilização da água do mar.

Dois grandes incêndios, ocorridos em 1946 e 1947, evidenciando as deficiências do Corpo de Bombeiros, fizeram recrudescer as críticas sobre a corporação e seus componentes. Vozes, porém, como as dos jornalistas Adão Miranda e Petrarca Callado, inspiradas pelo bom senso e espírito de justiça, levantaram-se em defesa dos soldados do fogo, destacando-lhes, em artigos e editoriais dos jornais " A Noticia" e " A Gazeta", a coragem, a abnegação e o desprendimento com que, tão mal aparelhados, se lançavam ao cumprimento da árdua missão. À certa altura de artigo no jornal "A Gazeta", de 5 de outubro de 1947, diz Petrarca Callado: "O bombeiro é nosso amigo, nosso querido amigo ...sempre que um incêndio nos aflige; é um herói, é

boa pessoa, é tudo, enquanto o perigo pode ser conjurado com o seu sacrifício. Mas, com a última brasa do sinistro, apaga-se o calor da nossa amizade veemente ao soldado do fogo. Volta ele para seu incêndio íntimo, para os seus sofrimentos de proletário mal remunerado, e troca a luta com as chamas pela luta com o agiota e o vendeiro. Nada deveríamos esperar de um amigo que não amparamos devidamente. Não havendo reciprocidade nas concessões da comunidade e do bombeiro, o seu contrato de trabalho é leonino. Exigimos muito a quem quase nada concedemos. (...)".

Finalmente, em 1948, durante o comando do coronel João Cândido Alves Marinho, foram adquiridos dois caminhões Dodge, uma bomba reboque marca Hale e trinta e três peças de mangueira com 500 metros.

Em 1950, foi matriculado na Escola de Bombeiros da Força Pública de São Paulo o então 1° Sargento Armando Firmino Cardoso, que concluiu o curso com aproveitamento geral classificado ótimo, adquirindo novos conhecimentos técnico-profissionais e se atualizando em relação aos métodos de ensino e combate ao fogo empregados no Corpo de Bombeiros daquele Estado. Em 3 de agosto daquele ano, o Comandante Geral, coronel Antônio de Lara Ribas, foi nomeado Secretário da Segurança Pública. Dias depois, o Governador Aderbal Ramos da Silva sancionou lei que concedia crédito de Cr$ 150.000,00 para aquisição de material para o Corpo de Bombeiros. Em conseqüência, recebeu a corporação outra bomba reboque Hale, com capacidade para sucção de dois mil metros de água por minuto, mangueiras, extintores de incêndio, um lançador de espuma, um injetor de líquido espumador, um lançador de neblina e vários outros materiais.

Era o início de nova fase para o nosso Corpo de Bombeiros, muito embora o seu efetivo fosse, ainda, de trinta homens.

Em 1957, sendo governador do Estado Jorge Lacerda, e Comandante Geral o coronel Mário Fernandes Guedes, foram importados para o CB um autobomba, marca Ward La France, com tanque para três mil litros de água. Pouco depois, chegava um carro escada Magirus, isto num tempo em que a contagem dos prédios altos da cidade não ultrapassava os dedos de uma só mão.

Pela mesma época, um oficial, o 2° tenente Wilmar Teodoro, foi mandado para São Paulo, para estágio e posterior curso de especialização no Corpo de Bombeiros daquele Estado, o melhor do país. Nos anos seguintes, sargentos foram enviados a Porto Alegre, para cursos e estágios junto aos bombeiros gaúchos.

Cidades do interior reivindicavam a prestação desse serviço tão essencial. Graças ao apoio de sua comunidade, Blumenau foi a primeira a contar com uma Estação do Corpo de Bombeiros, que lá iniciou suas atividades em 13 de agosto de 1958.

No início da década de 60, voltou ao comando da Polícia Militar o coronel Antônio de Lara Ribas, com a missão de executar , no âmbito da corporação, o Plano de Metas que consagrou o governo de Celso Ramos. Lara Ribas realizou magnífico trabalho de recuperação e reorganização que representaria, pelo pioneirismo de algumas iniciativas e pela visão de futuro, marco histórico comparável ao comando de Pedro Lopes Vieira.

Uma dessas iniciativas foi a criação do Serviço de Salvamento, para oferecer segurança às pessoas que, em número cada vez maior, procuravam as magníficas praias do litoral catarinense. Para estagiar na unidade de salvamento do Corpo de Bombeiros de São Paulo, responsável por esse serviço especializado em Santos, seguiu o capitão Carlos Hugo de Souza. Foram, depois, selecionados e treinados os

homens que entrariam em ação, já na temporada 1962/63, em Camboriú, onde foi instalado o primeiro Posto de Guarda- Vidas, com torre de concreto, lancha a motor, barco tipo "sandolin", aparelho ressuscitador, estação de rádio e alto-falante. O investimento se justificava logo em 5 de janeiro de 1963, quando Um garoto de 10 anos foi resgatado das águas e recuperado com aplicação do método de respiração artificial gangorra.

Na Capital, o serviço de guarda-vidas começou em 1972, nas praias de Canasvieiras e Jurerê, então as mais freqüentadas. Com o tempo, estendeu-se a outras praias do litoral catarinense.

Pouco antes de deixar o comando, Lara Ribas inaugurava, entre outras numerosas e importantes obras, um quartel para a Estação de Bombeiros de Porto União - cuja criação só seria efetivada em 5 de setembro de 1969 - junto às instalações da Companhia da PM.

Em 1965, entrava em serviço a Estação de Chapecó.

Pouco depois, para garantir presteza ao atendimento de ocorrências no continente, prejudicada por constantes obras na Ponte Hercílio Luz, na época a única ligação com a ilha, decidiu-se instalar uma Estação de Bombeiros no Estreito. Para tanto, foi adquirido um terreno com uma pequena casa, situado na esquina das ruas Santos Saraiva e Eurico Gaspar Dutra, onde hoje está sediado o 1° Batalhão de Bombeiro Militar . Ivo Silveira era o Governador do Estado e o Coronel Elvídio Petters comandava a Polícia Militar .

Dali por diante, entrou o Corpo de Bombeiros em uma fase de acelerada expansão e progresso, tanto em efetivo, equipamento e instalações, como em preparo técnico.

Seu efetivo previsto é de 2.059 homens - girando o real em torno de 1840 - distribuídos em três Batalhões de Bombeiro Militar, localizados em Florianópolis, Blumenau e Curitibanos. Está presente em trinta e cinco municípios catarinenses e nos principais aeroportos do Estado.

Dispõe de um Centro de Atividades Técnicas, incumbido de fiscalizar o cumprimento das disposições legais relativas às medidas de prevenção contra incêndios, proceder ao exame de plantas e projetos de construções e realizar perícias de incêndios. É nesta função, quase despercebida e freqüentemente mal aceita, que se evitam danos, poupam-se vidas, eliminam-se o desespero e a dor. Talvez poucos se apercebam de que a ocorrência de incêndios diminui, mesmo com o vertiginoso crescimento das cidades.

Daquele Posto de Guarda-vidas de Camboriú originou-se o atual Grupamento de Busca e Salvamento, que, no cumprimento de sua missão de busca terrestre, aquática e subaquática, e contando com apoio de lanchas e helicópteros, registra impressionante estatística de resgate e recuperação de pessoas, principalmente em risco de afogamento. Mais importantes e menos notadas são as campanhas educativas que promove anualmente, com vistas à prevenção de acidentes com banhistas. Nele se criou técnica de salvamento com Jet Ski e Jet Inflável, que se tomou referência para seus congêneres do país. Utiliza até mesmo um sistema de patrulhamento com a utilização de video-câmeras instaladas em aeromodelos, engenhosa criação de um de seus elementos, o Sargento Ben-Hadad Farias. Existe hoje praticamente em todo o litoral do Estado, constituindo-se em fator de segurança e tranqüilidade não só para seus habitantes como para os turistas que para cá afluem em tão grande número durante o Verão.

Ampliando ainda mais sua área de atuação, criou o Corpo de Bombeiros o Serviço de Atendimento Pré-hospitalar de Emergência, que já se impôs ao reconhecimento público por sua presteza, qualificação e espírito humanitário de seu pessoal. Cerca de um terço do efetivo desse serviço já se beneficiou de programas de treinamento com organizações de bombeiros de outros países, como o Office of US Foreign Disaster Assistance - OFDA/USAID, o que garante a seus serviços padrões bem próximos dos disponíveis em países desenvolvidos. Nosso Estado é o único do Brasil que dispõe desse serviço em todas as localidades onde há unidades de bombeiros, inclusive com equipamento e pessoal treinado para resgate de vítimas presas nas ferragens de veículos acidentados.

Sempre buscando o aperfeiçoamento técnico-profissional, estabeleceu o Corpo de Bombeiros convênios com universidades do Estado, objetivando formação de pessoal, pesquisa e desenvolvimento. Muitos oficiais possuem cursos no exterior. Para especialização em perícias de incêndios, mantém parceria com o Corpo de Bombeiros de Buenos Aires.

Outro projeto pioneiro no Brasil é a formação de bombeiros comunitários. Por iniciativa das comunidades, homens e mulheres são treinados pelos bombeiros militares para a prestação desse serviço. Foi possível, assim, a criação de corpos de bombeiros comunitários mistos, compostos por militares e voluntários. Oito dessas unidades já foram criadas, beneficiando diretamente onze municípios.

Como se vê, nossos bombeiros exercem hoje com grande amplitude sua função protetora.

Não são mais, apenas, soldados do fogo. São soldados da vida! Senhoras e senhores !

O bombeiro pertence a uma muito especial classe de pessoas, que não buscam simplesmente a recompensa material do seu trabalho. São pessoas destinadas a servir, que só se sentem realizadas no exercício da solidariedade, no auxílio ao próximo. Modestos, não têm, as mais das vezes, consciência da própria grandeza.

Em sua missão de salvar vidas e preservar bens, seja enfrentando o fogaréu assustador na atividade que lhe deu origem e lhe fez a história, seja atuando em desastres, calamidades ou emergências de qualquer espécie, expõe-se a perigos que ultrapassam, amiúde, a linha do cumprimento do dever. É um vocacionado para o heroísmo, quase sempre obscuro, sem glória, sem recompensa.

Neste particular, nossos bombeiros de hoje não diferem daqueles que, de prontidão no quartel, abalavam para o local do incêndio ao soar o rebate, com suas bombas. a vapor tiradas a burro, num retinir de ferros e chiar de caldeira, para começar, como disse Olavo Bilac, "a tragédia épica e sublime - a epopéia da coragem e do sacrifício".

Coragem e sacrifício que serão sempre apanágio da ação dos bombeiros, porque os mais modernos equipamentos e meios de proteção jamais lhe afastarão os riscos, como acabam de provar acontecimentos recentes nos Estados Unidos e em São Paulo.

Coragem e sacrifício que lhes permitem superar-se sempre, porque sempre haverá sinistros ou calamidades que excedam a capacidade dos meios a sua disposição . Coragem e sacrifício pelos quais a sociedade catarinense os admira e lhes é grata.

Senhor Coronel Walmor Backes, DD. Comandante Geral da Polícia Militar!

Senhor Coronel Milton Antônio Lazzaris, DD. Comandante do Corpo de Bombeiros !

Gostaríamos de ter talento literário que nos permitisse descrever, em belas figuras de retórica, toda a grandiosidade da missão do bombeiro. Somos, porém, mero coletor de fatos, simples contador de histórias. Mas, na história que acabamos de narrar resumidamente, e com os cumprimentos que lhes apresentamos, e a todos os seus comandados, queremos homenagear, simbolicamente, a todos quantos, nestes setenta e cinco anos, ajudaram a escrevê-la.

Ao Presidente Carlos Humberto Corrêa, nossos renovados agradecimentos pelo privilégio de falar em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina nesta ocasião tão especial.

Muito obrigado !

BIBLIOGRAFIA E FONTES PESQUISADAS

BASTOS JÚNIOR, Edmundo José de. "No Tempo do Coronel Lopes ..." Florianópolis, FCC, 1981.

_____, Coronel Lara Ribas. PMSC. O Homem. a Carreira. o Símbolos. Florianópolis, PMSC, 1990.

_____, "A Fonfonada Não Foi Suficiente, *in* O Milagre do Coronel Trogílio e Outras Histórias Milicianas. Florianópolis Garapuvu, 1998.

BILAC, Olavo. Os Bombeiros. *In* " A Patrulha", PMSC, número especial, 1951.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro. Noticia e Memórias. Florianópolis, Lunardelli, 1981.

CORDEIRO, Demerval, Major PMSC. Corpo de Bombeiros de Florianópolis. Esboço Histórico. *In* Jornal "A Patrulha", PMSC, n° 10, outubro/1950. CORDEIRO, José, Subtenente CB/PMSC. Discurso 24° aniversário do CB. *In* Jornal " A Patrulha", PMSC, número especial, 1951.

LAZZARIS, Milton Antônio, coronel. Mensagem 75 Anos CB/PMSC.

A Imprensa e o CB. *In* " A Patrulha", PMSC, número especial, 1951. Arquivos do Corpo de Bombeiros PMSC Departamento do Pessoal PMSC

"193- Bombeiros", nº 1, setembro 1999

4ª PARTE – JUSTIÇA E DISCIPLINA

INQUÉRITO POLICIAL MILITAR Nº 014/CCB/2001

SOLUÇÃO

3743

No Inquérito Policial Militar nº 014/CCB/2001, que determinei instaurar através da portaria nº007/CCB/2001, de 26 de setembro de 2001, com a finalidade de apurar o envolvimento do Soldado 923161-7 FERNANDO ELLER DA CUNHA, na posse e consumo de substância entorpecente, dou a seguinte solução:

1. Concordar com a conclusão do Encarregado;

2. Remeter cópia do Relatório e da presente Solução à Corregedoria da Polícia Militar;

3. Remeter os presentes Autos à Auditoria da Justiça Militar;

4. Arquivar cópia integral dos presentes Autos na 2ª Seção do Estado-Maior do Comando do Corpo de Bombeiros;

5. Publicar a presente solução em Boletim do Comando do Corpo de Bombeiros.

Quartel do Comando do Corpo de Bombeiros, em Florianópolis, 28 de outubro de 2001.

Ass.: **Milton Antônio Lazzaris** - Cel PM Cmt do CBPMSC.

ASS.:

MILTON ANTÔNIO LAZZARIS
CEL PM Comandante do CBPMSC